Fronte azulejada

POR VANESSA IBRAHIM

Colagem digital da autora. © VANESSA IBRAHIM

¶ OS AZULEJOS DE UMA CASA dizem muito sobre a passagem do tempo. Não somente porque envelhecem ou caem de moda como, muitas vezes, acontece com aqueles que ali habitam. Mas porque invariavelmente ganham cicatrizes, vindas do prato que caiu, da pintura infantil que nenhuma substância suficientemente ácida retirou, do canto da pia onde a água escorreu continuamente até desbotar. A casa aceita suas marcas e vai levando até que alguém tenha o ímpeto da ruptura. O que às vezes fica para a próxima geração.

Na casa de minha infância, o azulejo do banheiro tinha uma verruga. Ela ficava numa parte interna do boxe em que tomávamos banho. No desenho bege e marrom que formava vários olhos, parecia ficar perto do nariz daquela grande fronte azulejada. Nunca descobri como surgira aquela saliência. Somente tentava removê-la, cutucando a cada ducha e principalmente durante os intermináveis banhos de assento na banheira, quando nosso parque aquático particular se tingia de cor-de-rosa por exigência materna.

Com o tempo, deixei de reparar nela. Talvez porque foi ficando fora do alcance dos olhos, que galgaram alguns azulejos para cima com o passar dos anos. Mas, antes disso acontecer, foi ali, bem ao lado daquela verruga, que registrei a primeira lembrança que trago na memória. E sei o quanto era pequena porque o azulejo em questão era apenas o segundo na linha vertical a partir do chão (reparei anos depois). Ao lado dele, vi meu rosto refletido no vidro do boxe, como um espelho. E, pela primeira vez, tive consciência de mim. Até aquele momento, só reagia à vida ao meu redor e então a casa me permitiu enxergar a mim mesma. Porém, só tive certeza quando, logo em seguida, pensei que era filha da minha mãe e que debaixo daquele teto éramos família.

Há tempos fechei a porta daquela casa. Fui por aí crescendo e buscando-me entre paredes onde coubesse minha pretensa maturidade. E alguns beirais onde pudesse alçar voos. Até que um dia me perdi e reencontrei com ela. Lembrei de seus azulejos internos reparando em como as paredes outrora gigantes — sobretudo quando vistas por quem faz manha no chão — na realidade são baixas. Talvez até venham diminuindo à medida que os edifícios vão crescendo ao seu redor, arranhando os céus em busca da melhor vista para o futuro. A vizinhança mudou e agora não existe mais a quitanda e seu armarinho com doces, sempre chaveado à prova de criança mal-educada. Nem a avícola em seu cacarejo ensurdecedor. Mas a casa resiste, disfarçada pelo novo muro envidraçado, que expõe o piso cimentado sobre meus jardins antes tão secretos. De relance, vejo o reflexo. Paro.

Num impulso, olho para trás procurando aquela pessoa. Quando retorno para frente, sinto que sou eu, ao mesmo tempo em que não pareço eu. É o cabelo acaju da tinta e a postura já não tão ereta. As rachaduras das paredes lá atrás convergindo com os sulcos de minha pele já marcada, que a maquiagem não disfarça mais. Tantos anos que talvez tenha desaprendido a me reconhecer, como fiz pela primeira vez aos dois ou três anos de idade. O nariz azulejado e imperfeito zombaria de minha inquietação, mas a janela sorri, complacente.

Então refaço o caminho mental como daquela primeira vez e penso nelas. A mãe e a casa. E agora posso partir, refeita em mosaico, porque lembrei de onde venho. Não haveria futuro possível sem essa certeza. ⨯

VANESSA IBRAHIM NASCEU EM SANTOS/SP, ONDE COMEÇOU A ESCREVER MESMO ANTES DE CONHECER AS LETRAS. É MÃE, JORNALISTA PELA UNESP E PÓS-GRADUADA EM ARTE PELA UDESC. NA AVENTURA PELA ARTE DA PALAVRA, JÁ FOI PREMIADA EM CONCURSO, PUBLICOU EM ANTOLOGIAS, EBOOKS, PORTAIS E MANTÉM A PÁGINA @SANTOSCONTOS.